

resenha:

MANDOSIO, Jean-Marc. *A longevidade de uma impostura: Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

## Uma crítica a Michel Foucault e sua impostura

Nildo Viana\*

Jean-Marc Mandosio é um autor polêmico e crítico. No seu livro recém lançado sobre Foucault, contendo dois ensaios, um que leva o título do livro, *A Longevidade de uma Impostura: Michel Foucault* e o outro *Foucófilos e Foucólatras*, fazem uma crítica arrasadora e nada “politicamente correta” (também criticada numa passagem pelo autor) do filósofo francês. Para um autor que não poupa nem os situacionistas (especialmente Vaneigen, mas a Internacional Situacionista como um todo), nesta obra faz um balanço sintético da obra de Foucault e apresenta diversas considerações críticas sobre a mesma, bem como sobre Foucault.

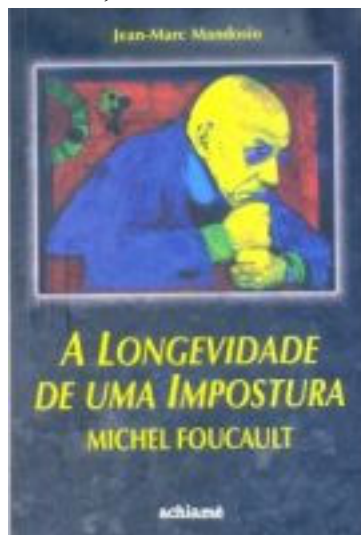
O autor tem como alvo as concepções e práticas de Michel Foucault e dos foucaultianos. A sua crítica a Michel Foucault tem dois aspectos: um é sobre suas concepções e outro sobre suas práticas, que são elementos complementares. Mandosio afirma que as críticas que ele conhece sobre a obra de Foucault, de George Steiner, Jean Baudrillard, Jaime Semprun, José Guilherme Merquior, Ian McLean, entre

outros, foram ignoradas pela academia e pelos foucaultianos. Ele refuta a teoria das epistemes históricas contidas nas obras consideradas estruturalistas de

Foucault, sua “genealogia” e “arqueologia”, principalmente *As Palavras e as Coisas* (1987a) e *Arqueologia do Saber* (1987b). As inconsistências das “idades” inventadas por Foucault na primeira obra acima é explicitada por Mandosio, bem como uma apresentação de foucaultianos e outros que, inclusive reconhecendo sua inaplicabilidade ao processo histórico concreto,

lançam mão da obra do “Mestre”, que, aliás, recordam o personagem que repetia infinitamente esta palavra no filme de *Drácula, Morto mas Feliz* (Mel Brooks, EUA, 1995).

Mandosio, após a crítica das ideias de Foucault, passa para o que chama “as aventuras da prática”, que é um momento do livro onde a crítica e a comicidade se unem, não só pelas ironias do autor, mas pelo próprio caráter risível da evolução de Foucault. Mandosio mostra que a alegação de “marginalizado” do filósofo francês, é uma invenção, pois sempre esteve muito bem posicionado nas instituições



francesas, desde as universidades até as estruturas estatais. Segundo Mandosio, “antes de Maio de 1968, a única coisa marginal em Foucault é sua homossexualidade, e ele se preocupa sobretudo com sua carreira universitária” (Mandosio, 2011, p. 40). Mandosio revela suas ligações com o gaullismo e inclusive sua participação na elaboração do plano Fouchet para reforma universitária, um dos estopins da rebelião estudantil de maio de 1968. Seria desnecessário elencar todas as peripécias de Foucault reveladas por Mandosio, tal como sua aproximação com os maoístas (e estruturalistas “marxistas”, ligados aos grupos althusseriano e lacaniano) e as atividades acadêmicas efetivadas sob sua direção nesse período, tal como um curso sobre “A dialética materialista e a criação de porcos”... Sem dúvida, os demais períodos também são retratados e mostra como Foucault caminhava de acordo com o sabor das modas (a originalidade de Foucault também é questionada por Mandosio), mostrando seus zigue-zagues ideológicos e práticos, passando ao pós-estruturalismo (ou “pós-modernismo”) e seus malabarismos até sua morte, em 1984, inclusive sua pretensão de conseguir cargo no governo do Partido Socialista Francês, em coligação com o Partido Comunista Francês, antes rejeitados pelo ideólogo da “microfísica do poder”.

Para encerrar esta parte basta um fato cômico (a partir de um acontecimento dramático da vida real, um estupro e assassinato de uma moça), na qual Foucault tomou partido no julgamento de um tabelião acusado de ser o criminoso a partir de suas observações do local onde a moça foi encontrada, uma sebe, de carpinos (e não de espinheiros, como alguns disseram, corrige Foucault...), “muito alta, cortada

justo em frente ao lugar onde foi encontrado o corpo” (Foucault, apud, Mandosio, p. 49) e daí chegou a brilhante conclusão de que o tabelião era o responsável pelo crime. Mandosio ironiza a investigação do “Sherlock Holmes” da filosofia francesa, com sua “precisão botânica inesperada”, suficiente para delimitar quem foi o assassino. Mandosio continua ironizando: “recordemos que este lamentável investigador é supostamente não só um grande filósofo, como também um eminente especialista em ‘dispositivo’ judiciário e penal” (Mandosio, 2011, p. 50).

Mandosio realiza uma interessante crítica à ideologia do “intelectual específico”, o “cientista perito” e retoma a crítica de Semprun sobre o maio de 1968 sobre a recuperação das críticas dessa época pelo pós-estruturalistas. Sem dúvida, nesse momento Mandosio poderia ter desenvolvido mais a análise e chegado a compreender o processo de contrarrevolução cultural preventiva após o maio de 1968, realizado no mundo da arte e das ciências sob o nome de “pós-modernismo” (Viana, 2009), mas apesar de suas observações críticas, passa para o envolvimento de Foucault com os “Novos Filósofos”, grupo conservador cujo maior expoente foi André Glucksmann, ex-maoísta após a rebelião estudantil e conservador assumido pouco depois.

Mandosio também oferece apontamentos críticos interessantes sobre a microfísica do poder foucaultiana e outras obras e concepções, presentes principalmente na coletânea sobre poder (Foucault, 1989) e seu livro sobre as prisões (Foucault, 1983). Ele centra sua crítica aos termos “governamentalidade” e “biopolítica”, “dois excelentes

exemplos de proliferação conceitual”, que hoje são usadas “a torto e a direito para dar aparência de profundidade filosófica a discursos que dela carecem cruelmente” (Mandosio, 2011, p. 66). Mandosio critica o uso destes termos e a razão pela qual são utilizáveis, sua imprecisão e até mesmo confusão entre os dois termos.

Não seria possível apresentar as outras críticas endereçadas a Foucault por Mandosio, tal como sua posição diante da revolução iraniana, suas diversas contradições, e concepções, tal como “processo de subjetivação”, entre outras. Podemos encerrar com a seguinte frase: “o principal talento de Foucault sem dúvida terá sido dar uma forma filosófico-literária aos lugares comuns de uma época” (Mandosio, 2011, p. 76). Este é justo o papel que Marx (1988) atribuía aos ideólogos: transformar as representações cotidianas ilusórias em ideologia, dando-lhe sistematicidade.

Também vamos nos abster de suas críticas aos focófilos e focólatras, nas quais mostra que se os erros do mestre são risíveis, os erros dos discípulos são elevados ao cubo. A apologia de Foucault não tem senso de ridículo, tal como na afirmação que ele teria um “corpo de esquerda”, que é explicado nesse trecho do cineasta René Allio citado por Mandosio: “com todo o seu ser, ele tende a se assemelhar, culminando com sua cabeça raspada, a um sexo ereto; e com toda sua inteligência penetrante” (Mandosio, 2011, p. 89). E Mandosio conclui, ironicamente, afirmando que se trata então, literalmente, de um “cabeça-dura”, fazendo um trocadilho em idioma francês cujo significado não será aqui revelado por excesso de pudor e para instigar a leitura do livro, onde se

encontra a explicação numa nota de rodapé.

Enfim, o livro de Mandosio é uma leitura essencial para quem quer conhecer melhor a vida e obra de Foucault, apesar de ser extremamente sintética (e de leitura rápida e agradável, com bons momentos “humorísticos”). Ao criticar as concepções de Foucault, algumas já realizadas e outras inovadoras, e mostrar suas contradições na prática e entre discurso e prática, Mandosio mostra o Foucault “de carne e osso”, tornando-o mais conhecido em sua concreticidade e não a figura do ídolo dos adoradores de modas e apologistas de ideólogos em evidência. Nesse sentido, a obra de Mandosio é fundamental para quem quer conhecer um dos ideólogos mais famosos da atualidade, além de ser muito divertida.

Por outro lado, também não podemos fazer apologia de Mandosio. Não fizemos nenhuma pesquisa aprofundada sobre sua produção em geral e por isso podemos expor apenas nossas conclusões relativas a esta obra especificamente. As críticas às concepções de Foucault são corretas em quase todos os pontos. Porém, seria importante desenvolver e aprofundar algumas delas e realizar uma crítica mais profunda e globalizante deste filósofo. Talvez Mandosio efetive isso em outra obra. A sua análise das práticas de Foucault é um momento importantíssimo da obra, pois é nesse momento que Foucault e seus vínculos com o poder (não no sentido abstrato e ideológico que ele fornece ao termo, mas relativo ao poder estatal e às relações de poder nas instituições universitárias pelas quais passou), deixando claro que o crítico do poder é aliado do mesmo e, portanto, sua crítica é a de um aliado e não de um real opositor e, por isso, é uma

pseudocrítica. É assim um crítico oficial, um “marginal consagrado”, termo de Adorno retomado por Michel Suárez no prefácio. Outro momento importante da obra é quando, sem aprofundar, mostra os vínculos de Foucault com a contrarrevolução cultural preventiva após o maio de 1968.

Claro que, apesar da crítica correta de Mandosio, isso não quer dizer que nada na obra de Foucault tenha importância. Toda ideologia possui “momentos de verdade” (Viana, 2010), e embora Foucault seja um ideólogo (Viana, 2000), existem elementos em sua obra que são assimiláveis por uma concepção verdadeiramente crítica. Porém, só é possível reconhecer os momentos de verdade na obra de Foucault se se reconhecer sua essência e totalidade formada por uma falsa consciência, ou seja, seus momentos predominantes de falsidade. E é aí que a obra de Mandosio contribui, principalmente mostrando suas raízes sociais ao colocar suas práticas, relações, posições, apesar de faltar uma percepção da totalidade da época, o que enriqueceria a crítica e daria um caráter explicativo mais profundo. Para quem não é francês, eis uma obra que traz um conjunto de materiais dificilmente acessíveis, ao lado daqueles que são mais acessíveis.

Enfim, a obra de Mandosio deve ser lida por todos os estudiosos de Foucault e também aqueles que possuem compromisso com a verdade e não com os modismos, ou seja, aqueles que não estão interessados apenas em suas carreiras profissionais, mas sim com as questões sociais e o destino da humanidade.

#### Referências

- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987b.
- \_\_\_\_\_, Michel. *As Palavras e as Coisas*. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987a.
- \_\_\_\_\_, Michel. *Microfísica do Poder*. 8.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- \_\_\_\_\_, Michel. *Vigiar e Punir*. 2.<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Vozes, 1983,
- MANDOSIO, Jean-Marc. *A Longevidade de uma Impostura: Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1, 3.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Nova cultural. 1988.
- VIANA, Nildo. *Cérebro e Ideologia*. Jundiaí, Paco Editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_, Nildo. *Foucault: Filosofia ou Fetichismo?* In: *A Filosofia e sua Sombra*. Goiânia, Edições Germinal, 2000.
- \_\_\_\_\_, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo, Ideias e Letras, 2009.



\* **NILDO VIANA** é Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás; Graduado em Ciências Sociais, Especialista e Mestre em Filosofia; Doutor em Sociologia/UnB; autor de diversos livros.